



GT 03: Alfabetização, leitura e escrita

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA NA PERSPECTIVA DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: UM ESTUDO COM AS CRIANÇAS DO 2º ANO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL NA CIDADE DE PARINTINS-AM

Fabiane Oliveira Ribeiro

Acadêmica de Pedagogia

Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CESP. Brasil. E-mail: fafa_ribeiro011@hotmail.com

Jackeline Guimarães Hipólito

Acadêmica de Pedagogia

Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CESP. Brasil. E-mail: jackeline.gh1813@gmail.com

Gyane Karol Santana Leal

Mestre em Educação

Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CESP. Brasil. E-mail: gyanekarol126@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar as escritas infantis de crianças do 2º ano do ensino fundamental de uma escola municipal na cidade de Parintins-AM, aproximando-as das hipóteses de aquisição da linguagem da língua escrita proposto por Teberosky e Ferreiro (1990). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com enfoque fenomenológico, os sujeitos foram 17 crianças das quais foram selecionadas 04 escritas infantis para análise. Os resultados apontaram estratégias comuns de aproximação do sistema de escrita apresentado em suas devidas fases de construção de pensamento e aptidão para a produção textual. Concluímos que o caminho que cada criança percorre para a sua alfabetização é singular, e que cada uma tem o seu próprio ritmo para a construção do conhecimento, visto que, embora as salas de aulas sejam divididas em faixa etária e classes, o aprendizado é algo complexo e peculiar para cada indivíduo que nela se encontra.

Palavras chave: Alfabetização. Escritas. Psicogênese.

Introdução

As teorias sobre a aquisição da língua escrita tem sido discutidas com frequência no âmbito da alfabetização. Nesse ínterim, podemos citar as contribuições das teóricas Ferreiro e Teberosky que obtiveram um grande impacto nos estudos relacionados a esse estudo respectivamente na América Latina no ano de 1974, a respeito da aquisição da língua escrita e suas categorias associadas. Segundo esta concepção as crianças constroem ideias de escritas que justificam o seu período de aprendizagem. Fundamentada por princípios Piagetianos onde a criança é protagonista do seu próprio conhecimento, estabelece que a criança possui fases de construções



de escrita, onde o educador deve ser conhecedor para que possa trabalhar as suas metas e dificuldades encontradas no seu ambiente educacional.

A psicogênese da língua escrita: algumas considerações

Trata-se de uma teoria da aquisição da linguagem escrita, de como a criança aprende, como se vincula este processo. A escrita e sua compreensão se iniciam muito antes do primeiro contato com a escola, existe um sujeito que busca o conhecimento, não de forma reinventada, descartando tudo e qualquer hipótese de escrita que a criança possa trazer consigo, mas sim de maneira construtivista que visa o total aproveitamento de seus saberes mais distintos. É importante frisar os desafios cognitivos que são pautados quando se faz referência a valorização da escrita inicial de uma criança, por exemplo, este sistema pode ser considerado como “rabiscos sem sentido” ou escritas sem “nexo”, porém a criança tem sim o seu próprio jeito de interpretar as diversas situações do dia a dia, não se pode “ler” claramente o que está escrito ou rabiscado no papel. Mas ao ouvir as suas vozes através de sua interpretação será possível retirar coerência e entendimento em tudo, mesmo que seja um simples borrão de tinta ou um amontoado de letras sem relação alguma.

Vários autores nos dizem que os conhecimentos das crianças não são organizados como o conhecimento convencional dos adultos, mas isto não quer dizer que o pequeno argumento não signifique alguma coisa. Chomsky (1979) relata que as crianças realizam segmentações na escrita que não necessariamente se iniciam na sílaba ou no fonema e fazem julgamentos de acordo com princípios bem diferentes daqueles que orientam a escrita padrão; chama esse fragmento de “escrita espontânea”, ou seja, aquela que mesmo não sendo estruturada de forma gramatical precisa e concisa, contém significação e é criada de maneira livre pela própria criança.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1990) existe um processo de aquisição da linguagem que antecede os limites escolares, assim a criança passa por uma série de fases ordenadas antes que compreenda a lapidação real do nosso sistema alfabético de escrita são eles: **Nível 1** : Pré-silábico, no mínimo de escrita sem o mínimo de diferenciações não há relação de escritas entre os sons e a fala. **Nível 2** : Intermediário I, começa aparecer uma relação entre os sons e a fala e os elementos da escrita, entretanto, não há uma regularidade, com regularidade, a escrita aparece com caracteres conhecidos e desvinculados do contexto sonoro. **Nível 3** : Silábico: as



crianças passam a associar a escrita com o som, compreendendo que o sistema alfabético não é regido por princípios ideográficos, escreve-se do jeito que se fala. **Nível 4** : Silábico alfabético, A criança descobre que uma sílaba pode ser escrita com a vogal ou com a consoante. **Nível 5** : Alfabético, há compreensão do sistema alfabético, a representação de todos os fonemas das línguas em diferentes grafemas, no entanto, não há preocupação com o sistema ortográfico.

Esses estudos só nos mostram que, a aquisição da linguagem escrita se dá de uma forma livre, caracterizando cada uma de uma forma singular. A invenção do seu próprio sistema de escrita faz parte do seu processo de aprendizagem, uma vez que promovem o desenvolvimento da sua consciência fonológica, levando assim, ao seu progresso. Quando um educador compreende estas fases de aquisição de escrita, estará compreendendo o real sentido de alfabetizar uma criança, e poderá situar-se nas suas fases de desenvolvimento, pois ao compreender o nível de escrita em que a criança encontra-se, poderá traçar os objetivos de seu plano de aula mais detalhadamente a fim de suprir a real necessidade de cada indivíduo, dependendo do seu estágio de escrita.

Percurso Metodológico

A natureza da pesquisa é qualitativa exploratória, que busca a investigação, análise e relação com as questões étnicas vivenciadas pelo sujeito da pesquisa GIL (2008). A pesquisa utilizada foi a participante, onde Severino (2014) justifica que é aquela que o pesquisador compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. Utilizou-se entrevistas semiestruturadas onde, Gil (1999, p. 120) explica que o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada. Para a produção das escritas infantis, foram utilizadas a observação de imagens coloridas e que chamassem a atenção das crianças.

Segundo Rossi (2003) é importante usar as imagens dentro da escola, visto que a cultura vivida pelo aluno de hoje se caracteriza pela saturação de imagens e a maioria das informações que ela recebe chega através delas.

Os sujeitos foram 17 crianças do 2º ano entre 07 e 08 anos de ambos os sexos, dentre as quais escolhemos 04 escritas para serem apresentadas nesse trabalho. As crianças desde



cedo aprendem a interagir com as imagens quer seja pela sua visualização ou pela sua construção. Para coletar as escritas infantis seguimos a sequência: escolha de 04 figuras, socialização das figuras, ditado pelas crianças e formação de frases.

Resultados e discussões

Analisamos as escritas de 04 crianças que receberam nomes fictícios de pensadores da educação, tais como: Rousseau (07 anos), Freire (07 anos), Piaget (07 anos) e Montessori (08 anos).

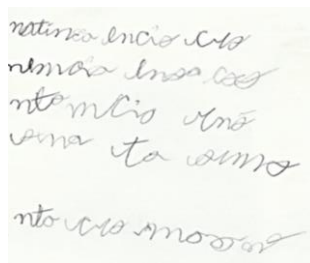


Figura 01: escrita infantil de Rousseau (07 anos)

As palavras escritas por Rousseau (07 anos) foram “mão, lençol, cachorro, estressado”, e a frase construída foi “A mão é grande”. Observa-se que já reconhece que as palavras são escritas por letras, e apesar de estar no período pré-silábico, a sua perspectiva de escrita é bastante peculiar, um exemplo é ela ter dito a palavra “mão” em sua fala, objeto ao qual não é visto com muita precisão na imagem que ela escolheu, porém a gravura da mão se encontra na gravura, não tão nítida ao primeiro momento, mas ela se encontra lá. É notável também a presença da vogal “o” no final de cada palavra escrita, apesar de serem mais extensas que a palavra grafia sistematizada, concluindo que o fonema (som), é uma de suas primeiras manifestações de escrita, e por sequencia a sua representação gráfica, no caso o “o”.

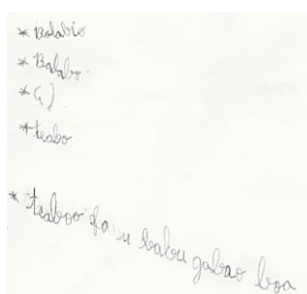


Figura 02: Escrita infantil de Freire (07 anos).

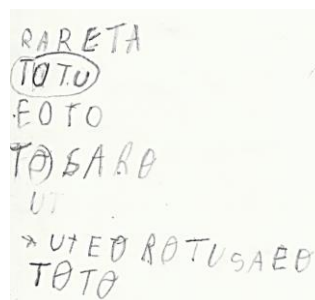


Figura 03: escrita infantil de Piaget (07 anos).



As palavras escritas por Freire (07 anos) foram “colorido, parado, ar e penas” e a sua frase: “Pena faz beija flor voar” e Piaget (07 anos) escreveu “planeta, olho, torto, branco”, a sua frase construída foi “O olho do planeta branco é torto”. Como pode se observar as 02 crianças encontram-se no período silábico, escreveram da maneira como compreenderam o ditado, por mais que não se tenha obtido uma ortografia formal ao qual o sistema de escrita propõe.

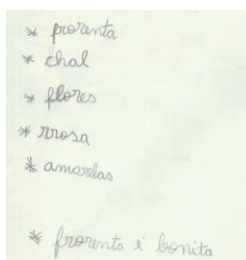


Figura 04: escrita infantil de Montessori (08 anos)

As Palavras escritas por Montessori (08 anos) foram “floresta, chão, flores, rosa, amarelas” e a frase construída: “Floresta é bonita”. Observa-se que Freud se encontra no período alfabético, ainda com alguns erros na ortografia, mas o reconhecimento dos fonemas das palavras “chão” e “floresta” são legíveis, conclui-se então que Freud encaixa-se na hipótese alfabética.

Considerações Finais

As escritas infantis das 17 crianças sinalizaram que: 03 estão no período pré-silábico, 05 estão na transição para o Intermediário I para o período Silábico e 09 estão na transição do silábico-alfabético para o alfabético.

Nota-se que há um grau de conhecimento e de letramento em todas elas, apesar de ser uma turma de 2º ano do ensino fundamental, encontram-se também com algumas dificuldades na escrita ortográfica, como exige o Programa de Alfabetização Nacional- PNAIC, no padrão classificado como período para a criança encontrar-se alfabetizada.

Do ponto de vista das questões analisadas neste estudo, evidencia-se que o movimento em direção às características da escrita em Língua Portuguesa vistas nas imagens socialmente significativas oque levou as crianças a construírem hipóteses de escrita que se relacionam com o conteúdo apresentado.

As concepções e imagens que as crianças vão formando dos vários tipos de gravuras, de suas partes até o todo, de suas organizações espaciais no papel e de suas características discursivas que foram relatadas por elas mesmas, há riquíssimos conteúdos coletados que embasam e



reafirmam novamente que a criança assim como as fases da história da escrita passa por fases em graus de escrita, até se formularem em textos concisos e de entendimento para quem lê.

REFERÊNCIAS

- ALVES MARTINS, M., & SILVA, C. (2006a). *O Impacto da ortografia inventada na consciência fonêmica. Aprendizagem e instrução*, 16, 41-5. doi: 10.1016/j.learninstruc.2005.12.005
- CAGLIARI, Luís. C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo:Scipione,1989
- CHOMSKY, C. Approaching reading through invented spelling. In: RESNICK, L. B. and Di Santo, Joana Maria Rodrigues. *Resumo da Psicogênese da Língua Escrita*. Disponível em <http://www.centrorefeeducacional.com.br/psicogen.html> acessado em 05/09/2017
- FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. *A psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: ARTMED, 1990.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. /Antônio Carlos Gil. - 4. Ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- ROSSI, Maria Helena Wagner. *Imagens que falam: leitura da arte na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941. *Metodologia do trabalho científico*. 23. Ed. rev. e. Atual. -São Paulo: Cortez, 2007